

TEOLOGIA AMAZÔNICA LIBERTADORA

Antônio Carlos Telles

Escrevo a partir da leitura e das sugestões do texto de Marcelo Barros. Minha preocupação inicial é que a Amazônia não se torne tão somente o local do fórum e sua escolha não tenha apenas um mero caráter inspirador. Explico: da perspectiva das populações amazônicas hoje, não é mais possível abordar a região como apenas uma espécie de sub-tema da questão ecológica. A relação Teologia Libertadora e Ecologia têm sido objeto de reflexões em vias de aprofundamento como ressaltou Marcelo, mas considero fundamental que essas reflexões cheguem a Belém muito mais dispostas a ver e ouvir do que para estabelecer pistas e mostrar resultados. Penso na possibilidade de, mesmo seguindo subsídios já construídos em torno de Teologia/Ecologia, porém que a ênfase recaia sobre o lugar de importância que a Amazônia representa para a vida no planeta, ou seja, uma ênfase muito mais centrada na questão amazônica propriamente, ampliando a dimensão da discussão libertadora, incluindo questões geopolíticas, econômicas e, principalmente, *culturalidades*. Aqui na questão da culturalidade amazônica está um caminho de aprofundamento inestimável para o tema Teologia Libertadora/Ecologia. É absolutamente claro que não há como elaborar uma teologia libertadora ecológica na Amazônia sem passar pela questão da culturalidade. Na verdade vislumbro o primeiro momento de uma *Teologia Amazônica*, inerentemente Libertadora e Ecológica, a partir do ouvir os povos amazônicos caboclos ribeirinhos em seu modo peculiar de vida. Neste sentido, faço algumas sugestões de pistas para olhares teológicos específicos sobre a Amazônia.

1. Oposição Ser Humano (Cultura) X Natureza. Se é possível atribuir, pelo menos parte da responsabilidade pela destruição da natureza à cultura judaico-cristão em seu afã de domínio sobre a criação, na Amazônia essa índole tornou-se uma invasão catastrófica. Toda a história amazônica é marcada pela mentalidade de que a natureza exuberante estava ali até então, como que esperando para ser conquistada, e sua exploração econômica não pode prescindir do pressuposto que o natural é um empecilho ao desenvolvimento, ou fator limitante ao progresso da civilização. Essa concepção de oposição ser humano natureza preside desde as primeiras incursões colonizadoras e se corporifica cientificamente na virada para o século XX, expressando-se de forma explícita, por exemplo, nos escritos de Euclides da Cunha sobre a Amazônia. Seu olhar, atrelado ao positivismo cientificista por um lado, e à literatura realista/naturalista do outro, olhava o exótico/diferente, a ser enquadrado dentro de esquemas conceituais utilitários. Essa também se torna a mentalidade norteadora das políticas de integração da Amazônia adotada pelos militares a partir dos anos 60. A Amazônia tornou-se apenas um depósito de riquezas naturais, cabendo à nação “integrar para não entregar”. A inserção definitiva da Amazônia dentro dos propósitos do grande capital internacional, naturalmente norteou-se pelas mesmas lentes: A Amazônia é apenas um gigantesco almoxarifado natural, cuja função (determinada distante dela) é suprir o sistema global de matérias primas necessárias ao seu funcionamento.

2. Invisibilização histórico-cultural. O domínio e a exploração da Amazônia ocorreram paralelos à construção de uma determinada visão sobre o que é a região, conveniente aos interesses de quem explorou e explora. Estrategicamente, invisibilização histórico-cultural se traduz em invisibilização sócio-política, ou seja, sua população não é considerada devidamente, nem levada em conta em relação às políticas oficiais. A região sempre foi tratada como um grande “vazio demográfico”, portanto também um vazio histórico-cultural. A conclusão é logicamente simples: se uma população não tem história nem cultura, ela não existe, portanto, a exploração e o saque podem ser feitos sem necessidade de grandes justificativas. Aqui se encontra outra questão fundamental, provavelmente o ponto de partida para a elaboração de

uma Teologia Amazônica: a pergunta pelo ser humano amazônico, **o amazônida**, sua cultura, sua alma, sua cosmovisão, sua percepção e relação profundamente simbiótica com a natureza. Fala-se muito de Amazônia, mas do ponto de vista do conhecimento, o amazônida e sua cultura permanecem na invisibilidade. Essa invisibilização também obedece uma lógica utilitária. A maneira como as primitivas populações amazônicas, especialmente ribeirinhas, se relacionava com a natureza, jamais se adaptariam às exigências exploratórias do capital. Mesmo sofrendo a violência da erosão de seu ethos cultural original, em função da imposição da mentalidade de consumo e competição, em muitos lugares da Amazônia ainda se guardam resquícios de resistência. O trabalho de resgate desses nichos de preservação da cultura amazônica tem sido feito por escritores, que, em geral, trazem consigo o conhecimento do convívio e uma compreensão existencial do que é de fato a Amazônia. Depois de Inglês de Souza, Dalcídio Jurandir representa a expressão pioneira de uma literatura não realista/naturalista, mas que busca a compreensão da alma amazônica naquilo que pode trazer de mais profundamente humano. São os dramas, sofrimentos, sonhos e anseios da gente simples da Amazônia, que recebem um tratamento literário a nível dos grandes nomes da literatura nacional. Na mesma trilha, mais recentemente, o poeta João de Jesus Paes Loureiro busca o reconhecimento de uma instigante e peculiar **visão amazônica de mundo**. Tais autores, porém, tem seu reconhecimento restrito ao âmbito local, sofrendo a mesma invisibilização do ponto de vista literário e cultural, principalmente Dalcídio Jurandir, autor de todo um ciclo Marajoara, tem sido seguidamente omitido pelo cânone literário nacional.

3. Uma Teologia identitária. A presença colonizadora na Amazônia, inicialmente portuguesa a partir do século XVII, posteriormente com a chegada de negros, nordestinos e mais recentemente de populações vindas do centro sul do país, estabelece um interessante mistura interétnica e intercultural. Uma Teologia Libertadora/Ecológica, tendo como referência o espaço amazônico deve ter um forte aceno antropológico no sentido de responder essa questão que é central: a pergunta pelo ser humano amazônico, o amazônida e sua identidade. Acento antropológico aqui de forma alguma significa antropocentrismo, mas um caminho de reencontro com uma identidade que tem como principal marca um ethos de convívio harmonioso com a natureza.

Desde a colonização e posteriormente, com o avanço do projeto civilizatório sobre a Amazônia, as populações originais sofreram pressões desestruturadoras sobre seu modo tradicional de ser e de perceber a natureza e seu meio ambiente. A ocupação da Amazônia, primeiramente por ibéricos e mais recentemente por populações migrantes do centro sul do país, significou uma violenta erosão de seu estilo de vida e de seu ethos cultural. Nesse processo, a cultura ocidental cristã, incluindo aqui sua racionalidade e religiosidade, impôs-se de forma inexorável como marca da conquista, como cultura superior, demonizando os padrões culturais herdados das originais populações indígenas. A presença catequética a partir do século XVII, com os descimentos, representou uma homegeneização cultural e linguística, num avassalador desenraizamento cultural.

Paes Loureiro (2001) analisa esse choque cultural a partir do prisma do conflito de signos e imposição simbólica, identificando a catequese e a pedagogia dos padres da igreja quando encarnaram a doutrina cristã na cultura indígena; o Ciclo da Borracha, que reforçou o sentimento de inferioridade face à cultura 'de fora', principalmente nas grandes capitais como Belém e Manaus; e o aparecimento dos meios de

comunicação de massa (Televisão e Rádio) na região da Amazônia.¹

Nesse processo, construiu-se uma imagem negativa tanto em relação ao ser indígena quanto em relação ao seu descendente imediato, o caboclo, principalmente os de origem reibeirinha. Essa construção identitária do outro, associou ao caboclo, valores negativos à cultura ocidental, como a indolência e a preguiça. Outros ‘defeitos’ culturais também são incorporados à cultura cabocla como a imprevidência e a inadaptação natural ao trabalho sistemático produtivo.

Devido às imposições culturais que a região amazônica sofrera no decorrer da sua história, principalmente, com a chegada do europeu, com o Ciclo da Borracha e, posteriormente, com a expansão da Televisão e de outros meios de comunicação de massa, o padrão europeu se torna o único belo e superior à cultura regional, esse aspecto suscita um fenômeno que Paes Loureiro (1992) chamou de “rejeição da condição cabocla”.²

Dessa forma os ideais identitários passaram a situar-se fora do âmbito regional, em Lisboa dos séculos XVII ao XIX, na França durante o apogeu do Ciclo da Borracha, e finalmente no eixo Rio-São Paulo via grandes redes de televisão. Modelos de beleza estética, culturais e de consumo são os mesmos que se impõem sobre o restante do país, impostos via dramaturgia novelesca pasteurizada global. Apesar de toda a imposição cultural, a Amazônia ainda guarda resquícios de resistência cultural, principalmente nas comunidades ribeirinhas. Porém, observa-se nitidamente um sério conflito entre essas formas de resistência e os valores impostos diariamente via meios de comunicação. Podemos afirmar que o amazônida vive uma séria e não resolvida crise de identidade.

E a imposição desses conceitos alienígenas sobre a Amazônia e sobre seu povo tem gerado distorções muito graves. (...) o amazônida vive uma séria crise de identidade. Seus valores, seus sonhos, via globo se tornaram os mesmos dos paulistanos da avenida paulista. Mas sua pele e sua alma ainda pertencem à floresta. Ele se recusa a ser o que é, mas não consegue ser diferente, e acaba absorvendo o que existe de pior da chamada civilização. O caboclo tornou-se poluidor de seu elemento fundante, a água. Não quer mais ser índio, mas sua alma, sua cor de pele e suas feições o desmentem a cada olhada no espelho.³

Uma teologia libertadora ecológica na Amazônia deve trabalhar com o conceito de hibridização como um dado altamente positivo da Criação. Essa referência teológica, que encontra na diversidade da criação sua força principal é pressuposto essencial para a auto-reconhecimento, auto-estima, auto-valorização étnico-cultural. Essas são condições necessárias para a discussão da própria inserção da cultura amazônica no conjunto da sociedade nacional e global.

A **visão amazônica do mundo** (Paes Loureiro) é, por certo, uma contribuição das mais significativas para a construção de um outro mundo possível. Neste sentido,

¹ Rodrigues. Anderson. In Asas da Palavra. Nº 17, p. 50

² Rodrigues, Anderson, p. 52.

³ Teles da Silva. A. C. A Amazônia é Nossa ? In Ecumenismo e Graça, onde Nada é de Graça. VII Curso de Pastoral Popular.

a cultura Amazônica, a exemplo de tantas outras culturas secundarizadas são chamadas a contribuir numa nova cultural global solidária, num chamado ao ouvir as multi vozes historicamente caladas. Trata-se de uma chamado à contemplar a beleza da diversidade, marcada pela pluralidade de compreensões da realidade. Um outro mundo possível será necessariamente multiétnico, multireligioso e multicultural.

4. Teologia das Águas Amazônicas. Água, elemento fundante. Um primeiro fator definidor de identidade do caboclo ribeirinho amazônico é sua relação com água. Isso se mostra óbvio num primeiro olhar sobre a região e ao primeiro contato com seu povo. O amazônida percebe a água como elemento fundante de tudo, origem do mundo, fundamento de si mesmo e de sua cultura. Na Amazônia tudo está intrinsecamente ligado à força das águas, como caminhos naturais, fonte de subsistência e vida, definindo o ritmo da vida. Trata-se da maior bacia hidrográfica do planeta, com regime de chuvas sazonais abundantes, fruto da colossal evapotranspiração da floresta. Na Amazônia “respira-se água”. Essa relação do amazônida com a água se insere na maneira como sente e percebe a totalidade na natureza; o sentido de harmonia e convívio simbiótico aponta para um extraordinário processo adaptativo, que, por sua vez, gerou uma cultura cujos elementos remontam à magia da natureza e aos encantos das águas. Para Paes Loureiro, mais significativo do que determinar os modos materiais de vida, a força das águas constrói uma exuberante poética do imaginário, “um pensar cultural em liberdade com a natureza, marcado pela poeticidade e sentimento de comunhão cósmica”.⁴

Porém, torna-se necessário ressaltar que, apesar dessa condição já ter sido considerada como uma “ditadura da águas”⁵, não devemos compreendê-la dentro de um determinismo ecológico, rígido e fatalista. Não há uma inexorável subjugação do homem ao meio, como compreende Euclides da Cunha em seus escritos sobre a Amazônia. Tese que se reforça com a antropologia norte americana dos anos 1950 (Julian Steward e Beth Meggers). As águas determinam um modo de existir e conceber o mundo dentro de uma perspectiva de adaptação harmoniosa e criativa.

A sazonalidade das águas tem implicações na própria definição identitária do caboclo ribeirinho. Em boa parte da região a vida se divide em dois períodos distintos. As “águas grandes” incorporaram-se aos costumes regionais, inclusive nos grandes centros como Belém. Nas áreas ribeirinhas, as mudanças periódicas de local de moradia e trabalho tem inegável papel identitário através das articulações da memória. Como preservar a memória ante os seguidos a pagamentos dos vestígios das estações anteriores? Na Amazônia, a memória identitária apela para os mecanismos de ritualização de lendas e mitos, presentes de forma exuberante nas multicoloridas tradições e festas regionais. Mães d’água. Cobras grandes (Boiúnas), Marujadas, Encantados sebastianistas, são tradições que se incorporaram às festas populares amazônicas, prenes de significação, de relações íntimas com a natureza, e principalmente, mergulhados no universo das águas.

Uma teologia da criação de compromisso libertador/teológico encontra na narrativa bíblica das origens a centralidade do elemento fundante, partir do qual foram criados o mundo e a vida. “A terra era um vazio, sem nenhum ser vivente, e estava coberta por um mar profundo. A escuridão cobria o mar, e o Espírito de Deus se movia por cima da água”.⁶ A presença do Espírito vivificador gerando vida a partir da água como elemento fundante, abre perspectiva de diálogo fecundo entre a tradição judaico-cristã, as pesquisas da nova ciência autopoiética de Francisco Varela e Humberto Maturana, e ainda com mitos seculares indígenas sobre as origens. A nova

⁴ Paes Loureiro, J. J. Cultura Amazônica. Uma Poética do Imaginário, p. 16.

⁵ Título do livro escrito pelo padre Giovane Gallo, pároco no Marajó.

⁶ Gn 1:2. Bíblia Sagrada. Ed. Na Linguagem de Hoje. SBB, 2005.



ciência e as novas percepções holísticas da realidade reabrem-se à espiritualidade como possibilidade concreta de diálogo, com promissoras consequências ético/ecológicas.

Por outro lado, de forma preocupante, a erosão do ethos cultural amazônico com o solapamento dos seus modos tradicionais de vida, também têm se transformado na perda da visão de sacralidade em relação ao habitat. A perda desse olhar mágico sobre a natureza e principalmente sobre os rios e florestas tem produzido uma acelerada inversão na relação com o meio ambiente. Ao se fascinar com os encantos do progresso, o caboclo também aprendeu a sacrificar o meio ambiente em função da necessidade de sobrevivência. Uma observação ao redor da baía do Marajó nos dias de hoje, denuncia que o caboclo ribeirinho tornou-se o principal poluidor daquilo que é a razão da sua existência, as águas dos rios.⁷

5. O mitico fantasioso amazônico como fundamento para uma Teologia Libertadora/Ecológica. Fruto de sua origem indígena, a percepção cabocla/ribeirinha da realidade caracteriza-se pela capacidade de ver maravilhas em todas as coisas. Essa visão mágica e encantada da realidade atribui alma e vida a todos os seres com quem convive o caboclo, sejam eles árvores animais ou os rios. A floresta é densamente habitada por seres encantados que regem e protegem os demais seres da floresta. Tudo ao redor possui vida e consciência, numa interação viva e dinâmica com o dia a dia dos seres humanos. Um simples banho de Igarapé costuma ser precedido de um pedido de licença à mãe d'água, uma caminhada pela mata requer os cuidados com os encantos do Curupira, etc.

Rica de plasticidade e inocência, a natureza amazônica revela-se como pertencente a uma idade mitica, plena de liberdade e energia telúrica. Situa-se em um tempo cósmico no qual tudo brota como nas fontes primevas da criação: a mata, os rios, as aves, os peixes, os animais, o homem, o mito, os deuses. É nesse contexto que o imaginário estabelece uma comunhão com o maravilhoso, tornando-se propiciador de epifanias. Sob o *sfumato* do devaneio fecundado pela contemplação do rio e da floresta, olhando o horizonte das águas que lhe parece como a linha que demarca o eterno...⁸

Parece-nos claro que a sede pelo o lucro desmedido e a qualquer custo, inclusive ambiental, se deve ao desencanto pós-moderno. A reativação dos compromissos com a vida pressupõe o milagre do reencantamento e de auto-reconhecimento do ser humano como parte dessa realidade grávida de magia. O Ciclo Dalcidiano traz em seu mergulho na alma amazônica, um elemento mágico, fruto do chão da Amazônia, ao qual a crença popular atribui poderes mágicos e de cura. Um carocinho de Tucumã, que nas fantasias e divagações de seu principal personagem, o menino Alfredo, torna-se objeto de transcendência e de transformação da realidade. O carocinho tem poderes de cura e de transcendência sobre a realidade, para além de todas as limitações impostas pela realidade sempre injusta e desigual. Portanto trata-se de um elemento de utopia, a partir do qual o personagem inconforma-se com sua condição presente e refaz seu futuro. Para Alfredo, o caminho da emancipação libertadora trilhou o caminho da magia e do mitico. Uma teologia Libertadora/Ecológica deve também ser fruto do reencantamento pela realidade. Este é um dado milenar da alma amazônica. Os novos paradigmas científicos emergentes,

⁸ Paes Loureiro, p. 16.



assim como as novas espiritualidades holísticas apontam a necessidade da reencantamento da vida pela via da utopia. Numa Teologia para outro mundo possível, a utopia deve também ser elemento de reencantamento.

La utopia, hoy categoria olvidada y considerada mítica, debe volver a recuperar, en una teología para Otro Mundo Possible, la centralidad que tuvo en los comienzos de la teología de la liberación; eso sí, liberada de sus connotaciones peyorativas y de sus inclinaciones ingenuas.⁹

Conclusão.

Em janeiro de 2009 os olhares do mundo estarão voltados para a Amazônia, incluindo olhares teológicos. Pessoas do mundo inteiro contemplarão a exuberância da natureza e se questionarão sobre o futuro. Penso ser um passo além de olhar *para a Amazônia*, olhar o mundo *a partir da Amazônia*, de seu povo e de sua cultura. Trata-se muito além de fazer uma opção pelos desfavorecidos do sistema, mas de reconhecer que uma das culturas invisibilizadas no mundo do capital pode ser fonte de boas novas de redenção, libertação e salvação do planeta. Há a real possibilidade de encontro com sinais de esperança mediante um momento de conversão à Amazônia. Que o encontro com a natureza amazônica seja também encontro com o povo amazônico, com a cultura e com história amazônica em seus vivos sinais de resistências e seus múltiplos encantamentos.

⁹ Tamayo. Dr. Juan José. Lugar da Teologia para Outro Mundo Possible, p.7.